SUPLEMENTO

ARQUEOLOGIA

Francisco Martins Sarmento
e a génese da Arqueologia científica em Lousada

Texto | **Luís Sousa**
Arqueólogo. CML.

O século XIX foi pródigo em transformações de vária ordem que afetaram toda a sociedade da época, não se afastando deste panorama a própria Arqueologia que ao longo da segunda metade do século XIX se vai institucionalizar, tornando-se numa ciência autónoma e que, de certa maneira, acompanhará também a corrente filosófica que marcou este final de século – *O Positivismo*. De Norte a Sul do país, distintas individualidades percorrem extensos territórios, recolhendo e coligindo dados de cariz histórico, arqueológico, etnográfico, etc., era uma genuína manifestação no interesse pelo passado, que no caso português visou buscar as verdadeiras "raízes nacionais". O vimaranense Martins Sarmento foi uma destas figuras de proa, centrando-se o presente texto no seu papel percursor da Arqueologia enquanto ciência no concelho de Lousada.

A arqueologia portuguesa de finais do século XIX acompanhou as inovações no campo científico que se verificavam um pouco por toda a Europa, vivenciando-se neste período uma ambiência ecuménica assente na cientificidade positivista e num alargado interesse pelo passado humano. É neste quadro que emerge a figura nuclear do presente texto - Martins Sarmento, distinto vimaranense que sob o objetivo de procurar as verdadeiras "raízes nacionais" e impulsionado pelas investigações que vinha a realizar na Citânia de Briteiros (Guimarães), alarga os seus interesses ao vasto território do Noroeste Peninsular e estreita laços com personalidades em diversos concelhos. Em Lousada Sarmento encontra leais correspondentes que lhe despertam interesse neste território, fazendo-lhe amiudadamente chegar relatos de achados arqueológicos. O texto que aqui trazemos visa precisamente revelar, através de um breve roteiro cronológico, os contactos, apontamentos e sítios visitados por Sarmento no concelho de Lousada pelos finais do século XIX.

Figura 1.
Martins Sarmento[1]

MARTINS SARMENTO: BREVE NOTA BIOGRÁFICA

Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, ou simplesmente Martins Sarmento, é uma figura incontornável da historiografia arqueológica em Portugal[1]. Filho de Francisco Joaquim de Gouveia de Morais Sarmento e de sua mulher Joaquina Cândida de Araújo Martins da Costa, nasceu a 9 de Março de 1833 e faleceu, com 66 anos, a 9 de Agosto de 1899. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, notabilizou-se, porém, como arqueólogo, etnógrafo, fotógrafo e escritor. Enquanto investigador destacam-se as explorações que desenvolveu na Citânia de Briteiros, iniciadas em 1874, e em Sabroso, em 1878. Em 1882, em sua homenagem, é fundada a Sociedade Martins Sarmento.

MARTINS SARMENTO E A SUA PASSAGEM POR LOUSADA

A notícia que nos aponta para os primeiros contactos com o atual território de Lousada por parte do erudito investigador, data de 12 de Maio de 1878. Refere-se à "*Cidade de Magnete*", onde salienta o aparecimento de um conjunto de vestígios que lhe foram comunicados por um tal de Falcão[2], proprietário de uma quinta perto de Meinedo (Vila Pouca). Em Meinedo, Martins Sarmento estabeleceu ainda contacto com o Pe. Agostinho Lopes Coelho Ferraz, na altura pároco nesta freguesia, pois segundo o Falcão aquele possuía um manuscrito que falava das antiguidades que afloravam por Meinedo. Solicitou cópia do manuscrito, tendo Sarmento anotado que nada possuía de interesse, por ser tudo de Argote. A última nota que colhemos de Sarmento data de 14 de Fevereiro de 1896 e encontra-se numa missiva que remeteu a Emílio Hübner, onde esclarece com precisão que a inscrição de *Quíncio (...) (filho de) Arruncia "apareceu no lugar do Padrão, freguesia de Meinedo, e perto do apeadeiro chamado também do Meinedo, na linha férrea do Douro"*[3]

1878

"Campas em lajes. Dólmenes. Um capelão do Peixoto Vilas-Boas diz que em Felgueiras, perto da Casa de Juste [Torno, Lousada], há uma campa aberta em rocha. É quadrada; não tem rebordo; mostra uma cavidade já safada, onde o defunto devia ter a cabeça"[4].

---

[1]Fotografia publicada na capa da revista «Ilustração Portuguesa», nº 37, de 18 de Julho de 1904, ano em que são trasladados os restos mortais de Martins Sarmento para o cemitério de S. Salvador de Briteiros (Guimarães).

[2]José Falcão de Magalhães, natural de Gatão (Amarante). Casou duas vezes. O primeiro casamento foi com Maria Emília Correia Leite de Sousa, e a segundo com Emília de Jesus de Sousa Pinto (Cristiano Cardoso, com. pess.).

[3]*Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (Arqueologia e Epigrafia): 1879-1899* (coligida e anotada por Mário Cardozo). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1947, pp. 252-253.

Figura 2. Roteiro de sítios sobre os quais Martins Sarmento escreveu e/ou visitou.

Comentário: Apesar dos trabalhos de prospeção arqueológica e indagações junto da população local, não foi possível até ao momento identificar a estrutura rupestre descrita por Martins Sarmento.

1879

"Cidade de Magnete. O Falcão que tem uma quinta perto de Meinedo (Vila Pouca) disse-me que por ali havia tradições de uma antiga cidade chamada Magnete tendo aparecido várias antigualhas, como moedas e restos de sepulturas. O abade possuía – dizia ele – um manuscrito que falava destas antiguidades.
Pus-me em relação com o abade - Agostinho Lopes Coelho Ferraz, que me mandou cópia do manuscrito. Nada vale. É todo tirado do Argote e de outros. Quanto a antiguidades reais nada diz. Os sepulcros parece serem já do tempo do cristianismo e pertenceram à velha igreja. No outeiro próximo, uns cacos apareciam. O Falcão há pouco (em Janeiro deste ano - 79), disse-me que não faltavam cacos pelo outeiro.
O abade diz também: «Consta-me que em Penafiel houve um Padre António Benicio de Figueiredo, há pouco falecido, que tinha um livro que descrevia as antiguidades desta terra e de outras circunvizinhas, cujo herdeiro fora um Dr. Adriano, que ainda lá existe (em 12 de Maio de 78)"[5].

Comentário: A «cidade de Magnete» a que se refere Sarmento é a freguesia lousadense de Meinedo, concretamente a zona que grosso modo corresponde à Quinta de Padrões, área para onde é apontada a existência de um povoado romano de grandes dimensões, talvez um vicus, que na Alta Idade Média será a sede do efémero bispado de *Magnetum*. O outeiro referido no texto deverá ser o castro de Meinedo, morro que se ergue a baixa altitude junto do Cemitério Paroquial. Para mais informações sobre os locais elencados consultar NUNES, M; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. – Carta Arqueológica do concelho de Lousada. Lousada: Câmara Municipal/Gabinete de Arqueologia, 2008, pp. 139-141.

1880 MAIO 22 E 23

"Monte de S. Domingos (Lousada) – O Peixoto tinha-me já falado deste monte, dizendo-me que ali se encontravam vários fragmentos de barro. Fomos passar 2 dias à casa do Peixoto e tive ocasião de ver o monte. Fica a pouca distância da Vila de Lousada, para poente, e vira sobre o vale e a estrada que de Vizela corre para Penafiel, e sobranceiro à casa do Peixoto, antiga, a Ribeira.
Não tem dúvida que foi uma valente fortificação, principalmente para o lado da Ribeira. São ainda muito visíveis para todos os lados os taludes de mais que uma muralha, em parte 3, sendo mais que certo que as muralhas ainda existem. Vêem-se fragmentos de telha romana, e o mais curioso fragmento foi de um fundo de louça vermelha, com uns restos de verniz. A lousa também ali era vulgar, como se vê de muitos fragmentos. A pedra é muito miúda e quase toda de formação xistosa.
A tradição dá para ali uma mina, por onde os cavalos iam beber a um ribeiro, que se vê em baixo – o Lamarim, se não erro. Apareceu um grande pedaço de ouro in illo tempore. Pias de pedra é certo. E nada mais se conta.

[4]SARMENTO, Francisco Martins – *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia* (Leitura e organização de António Amaro das Neves). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1999, p. 45.
[5]"Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmento. *ANTIQVA* (Informes, reconhecimentos e prospeções)" (anotações por F. J. Salgado Guimarães), in *Revista de Guimarães*, nº 96. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1986, p. 8; SARMENTO, Francisco Martins – *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia* (Leitura e organização de António Amaro das Neves). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1999, p. 67.

Para os lados do monte, entre ele e a casa da Costilha, que fica perto, houve um lugar chamado «Burgo». Foi, decerto, por ali que se estendeu a povoação, quando largou o alto.
O nome de S. Domingos veio-lhe – diz-se, duma capela deste santo, que existiu no topo do monte, mas de que hoje só restam vestígios em alguma telha. Mas o nome da freguesia – Santo André de Cristelos, conserva inegavelmente o nome velho da coisa. A igreja fica a norte e perto do monte, ainda no planalto, se bem que a um nível inferior à coroa de Cristelos. A igreja é hoje relativamente moderna, mas até perto dela encontram-se sempre fragmentos de louça e lousa. Algumas lousas têm inscrições. Uma perto da igreja: «Do reverendo abade para sua devoção». Outra, a mais distante, é indecifrável.

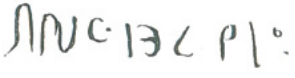

Figura 3.
Inscrição indecifrável que Sarmento observou próximo da igreja paroquial de Cristelos

Falaram-me ali de vários outros fortes. 1.º Calvelos (chã do monte de Barrosas, onde houve telégrafo). Diz o Peixoto que se vê um grande circuito de muralhas; mas o monte não tem patamares. 2.º Eira dos Mouros. É acima da igreja da Aparecida (a igreja não tem nenhuma legenda interessante). 3.º S. Tiago (monte) freguesia de Nevogilde. Aí disseram uns poucos que havia curiosidades notáveis, sem especificar nada. 4.º Meinedo. Para ambos os últimos, o melhor caminho é a estrada de Vizela, Barrosas.
Santa Águeda – Em Barrosas há a igreja de Santa Águeda, que me dizem ser notável, por causa de uma estátua, S. Jorge"[6].

Comentário: É nesta data que Martins Sarmento se desloca pela primeira vez a Lousada, instalando-se na Casa da Ribeira, em Cristelos. Durante esta estadia recolhe diversos informes sobre antiguidades do concelho que foi anotando das conversas com o Peixoto, proprietário da referida casa. Em 15 de Junho de 1880 Sarmento escreve a Emílio Hübner dando nota de que tinha ido visitar um grande *oppidum* em Lousada, reportando-se ao castro de São Domingos, localizado em Cristelos[7]. Trata-se de um povoado fortificado de grandes dimensões, possuidor de um complexo sistema defensivo composto por pelo menos três linhas de muralhas e um fosso. É de entre os povoados da Idade do Ferro do concelho de Lousada o de maiores dimensões, revelando também a mais recuada cronologia, com dados arqueológicos que remontam aos séculos IV e III a.C. Num percurso que estabelece pelo perímetro do monte de São Domingos, realça vários aspetos etimológicos relacionados com a toponímia, e chama a atenção para umas inscrições perto da igreja paroquial de Cristelos, que o tempo parece ter apagado dado que delas não existe qualquer memória.
Apesar de muito concisos, nesta data aponta ainda como locais com algum interesse arqueológico e arquitetónico o Monte Telégrafo (Silvares), a Eira dos Mouros (?) acima da igreja da Aparecida (Torno) e o Monte de S. Tiago (Nevogilde), aludindo, por último, Santa Águeda, que localiza em Barrosas, apesar de efetivamente se situar na freguesia de Sousela. Para aprofundar conhecimentos sobre os locais elencados consultar NUNES, M; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. – Carta Arqueológica do concelho de Lousada. Lousada: Câmara Municipal/Gabinete de Arqueologia, 2008.

1884 JUNHO 4

De tarde fui a Lustosa ver o "Altar dos Mouros", de que me tinha falado o Manuel, de Roriz. Fica em S. Pedro de Raimonda, e não em Lustosa, e não longe de Santa Águeda, ao pé de um grande barroco, onde alguns moinhos. É um ludus naturae, e o lavrador que mo mostrou comparou-o ao lançamento de uma ponte.

Figura 4.
Esboço do «Altar dos Mouros» que Sarmento faz acompanhar com os seus apontamentos.

Com efeito, visto de certo ponto, dir-se-ia uma ponte que foi derrubada por um desastre ficando apenas uma das extremidades, mas sem se saber para onde continuaria, porque vai paralela a um barroco, e não na direcção de o atravessar. Tem um largo pavimento de quarenta e cinco passos de comprido e, em partes, onze de largo, e curioso, porque sendo uma laje única, os bancos dela estão de tal modo dispostos que a superfície parece um pavimento de

[6] SARMENTO, Martins - "Manuscritos Inéditos de Francisco Martins Sarmento – *ANTIQUA* (Informes, reconhecimentos e prospeções)" (anotações por F. J. Salgado Guimarães), *in Revista de Guimarães,* nº 99. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1989, pp. 26-27.
[7] *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (Arqueologia e Epigrafia): 1879-1899* (coligida e anotada por Mário Cardozo). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1947, p. 56.

ladrilho perfeitamente regular. E difícil de perceber como àquilo se deu o nome de "Altar". Ao pé nada há; mas defronte há um outeiro elevado, onde um marco geodésico, com o nome de "Os Castros". São dois outeiros quase unidos. Nada descobri, nem um fragmento de barro, mas, a poente, e à distância de uns cem passos do outeiro mais chegado à estrada (de Penafiel), há uma mamoa, ou o diabo por ela. O montículo é de pequena elevação; mas a sua forma é regularmente circular, com o competente cascabulho de rebos"[8].

Figura 5.
Esquema elaborado por Sarmento para apontar a localização de uma suposta mamoa junto do outeiro de «Os Castros».

Comentário: O «Altar dos Mouros» aqui referido é do conhecimento geral da população local, ainda que não lhe atribuam qualquer prática. Estamos perante um afloramento granítico onde houve em tempos muito recuados exploração de pedra, com recurso às diáclases. O epíteto de «Altar dos Mouros» advém-lhe do topo plano da superfície rochosa e dos cortes em socalco que a rocha evidencia.
O sítio chamado de "*Os Castros*" ou Monte dos Castros, é um morro para o qual vem sendo localizado um povoado fortificado, cientificamente denominado de castro do Bufo. Tal como Sarmento, também não logramos recolher qualquer materialidade que possibilite melhor caracterizar o local. Da suposta mamoa próxima ao outeiro de "*Os Castros*" nenhum vestígio ali identificamos que se possa associar à presença de um túmulo megalítico. Sobre o castro do Bufo recomendamos a leitura da Carta Arqueológica de Lousada: NUNES, M; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. – Carta Arqueológica do concelho de Lousada. Lousada: Câmara Municipal/Gabinete de Arqueologia, 2008.

[8]SARMENTO, Francisco Martins – *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia...*, p. 299.
[9]*Idem, ibidem*, p. 299.
[10]*Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (Arqueologia e Epigrafia): 1879-1899* (coligida e anotada por Mário Cardozo). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1947, pp. 204-205.
[11]*Idem, ibidem*, pp. 252-253.
[12]*Idem, ibidem*, p. 206.

1884 JUNHO 26 A 28

"Cheguei a ponto de onde descobri a pouca distância a igreja de Lustosa. Nada de novo. Só achei engraçada a inscrição da torre que diz."[9]

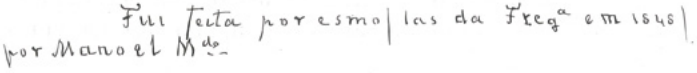

Figura 6.
Inscrição da torre sineira da igreja de Lustosa efetuada por Sarmento em 1884.

Comentário: Gravada numa cartela moldurada, a inscrição que Sarmento assinala com leitura da mesma encontra-se no alçado Sul da torre sineira da igreja paroquial de Lustosa. Esta inscrição aponta o mestre pedreiro e o ano de construção da torre, de que se dá seguidamente leitura e desdobramento das abreviaturas: FUI FEITA POR ESMO / LAS DA FREG[UESI](A) EM 1848 / POR MANOEL M[ACHA](DO).

Resta-nos uma última nótula a duas missivas respeitantes à correspondência entre Martins Sarmento e Emílio Hübner onde é referido um bloco granítico com epitáfio de Quintius [..]M[.] e Arruntia. Na carta enviada a Emílio Hübner com data de 11 de Novembro de 1893, Martins Sarmento fala de uma epígrafe que diz ter estado no lugar do Padrão, concelho de Lousada[10]. Em razão de não adiantar mais informações quanto ao local de achado, alguns autores foram induzidos em erro e colocaram o documento em Santo Estêvão de Barrosas por aí existir uma capela sob a invocação de N. Sra. do Padrão, todavia, numa outra carta com data de 14 de Fevereiro de 1896, Sarmento esclarece com precisão que a inscrição *"apareceu no lugar do Padrão, freguesia de Meinedo, e perto do apeadeiro chamado também do Meinedo, na linha férrea do Douro"*[11] (Figura 6.[12]).

Comentário: O bloco epigrafado encontra-se atualmente em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães).

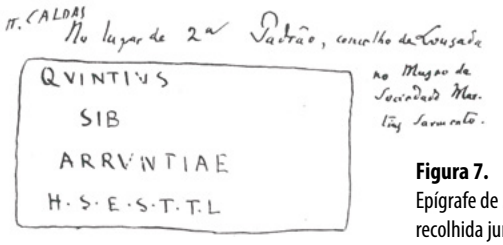

Figura 7.
Epígrafe de Meinedo recolhida junto do apeadeiro.